

ONCE UPON A TIME E A APOCALÍPTICA NOS CONTOS DE FADA: CRISE, RESILIÊNCIA E ESPERANÇA

ONCE UPON A TIME AND APOCALYPTIC IN THE FAIRY TALES: CRISIS, RESILIENCE AND HOPE

Ricardo Aurelio Madeira Marinho

Resumo

O presente artigo realiza uma leitura hermenêutica da série de TV Once Upon a Time, exibida desde 2012, no Brasil. A história de Once Upon a Time aborda uma crise instaurada nos contos de fada com uma maldição lançada pela Rainha Má que trouxe todos os personagens para nosso mundo real e os fez esquecer quem eram. Branca de Neve e o Príncipe Encantado lutam, então, para restaurar o seu mundo e trazer de volta a magia dos contos de fada. Por meio de uma análise das características da literatura apocalíptica: crise, resiliência e esperança, o artigo tem o objetivo de verificar como esses elementos são expropriados e reformatados na história. O artigo indica que há um sentido implícito na narrativa mítica de Once Upon a Time que se concentra na superação das adversidades.

Palavras-chave: Once Upon a Time. Apocalíptica. Teologia do Cotidiano.

Abstract

This paper develops a hermeneutic reading of the TV series Once Upon a Time, presented since 2012 in Brazil. The story of Once Upon a Time reports a crisis established in the fairy tales with a curse cast by the Evil Queen who brought all the personages to our real world and made them forget who they were. Snow White and Prince Charming fight to restore his world and bring back the magic of fairy tales. Through an analysis of the characteristics of apocalyptic literature: crisis, resilience and hope, this paper has the objective to verify how these elements were expropriated and reformatted in the history. This paper indicates that there is an implicit sense the mythic narrative of Once Upon a Time that is concentrated on overcoming adversity.

Keywords: Once Upon a Time. Apocalyptic. Theology of Daily Life.

Considerações Iniciais

Os contos de fada estão entrelaçados no cotidiano humano. Por muitas gerações, em muitos lugares e civilizações, os contos de fadas foram se constituindo parte da cultura

de alguns povos. De certo modo, isso ocorreu porque eles acabam por representar nossa realidade, mesmo que seja apenas uma representação de uma parte e não do todo.

Essa representação gera uma identificação por parte de quem ouve a história ou a vê na televisão ou no cinema. Por óbvio, essa identificação dependerá de uma interpretação que cada um fará da realidade apresentada. É uma interpretação individual, identificada com os saberes e experiências cotidianas de cada um.

Essa identificação, que quase sempre ocorre, está relacionada com o mito e sua forma de contar uma história, utilizando o poder da imaginação e da criatividade. O mito é experiência de sentido, de vida cotidiana, que é alcançada pela percepção das mensagens dos símbolos nele contido. Essa simbologia, portanto, permitiu ao ser humano entender de maneira prática o mundo em que vivia por meio de modelos, de arquétipos.

Um desses arquétipos é o da guerra entre forças do bem e do mal e das punições, aqui e agora, e no além vida, que bons e maus terão. E uma literatura mítica que bem exalta isso é a apocalíptica.

A literatura apocalíptica ressalta alguns elementos bem presentes no imaginário do ser humano: pessoas boas e más normais vivenciando seu cotidiano, figuras messiânicas com características de herói, figuras bizarras com características de vilão, planos de dominação e controle pelo mau, forças da natureza descontroladas e ameaçadoras, tensão no plano do tempo (noção de fim, de último segundo) e a vitória do bem sobre o mal que renova a esperança.

É perceptível que estes elementos estão presentes na cultura dos tempos em que vivemos. Após os atentados ocorridos nos Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001, o mundo, culturalmente, entrou novamente na espiral de uma guerra entre mocinhos e bandidos. Após estes eventos, há um resgate dos super-heróis – literatura que exalta algumas características encontradas na apocalíptica.

Da mesma forma, a séria televisiva americana *Once Upon a Time* parece resgatar os elementos presentes na literatura dos contos de fada, porém com uma releitura realizada por seus autores, de forma a torná-la mais próxima do cotidiano das pessoas.

E é justamente essa relação entre este resgate dos contos de fada produzido por *Once Upon a Time*, a literatura apocalíptica e a expressão religiosa das pessoas em seu cotidiano, que pretendemos abordar neste artigo.

ERA UMA VEZ... NÃO, ONCE UPON A TIME!

A série e sua proposta

Once Upon a Time é uma série de TV produzida pela rede americana de televisão ABC e exibida por lá desde 2011. Aqui, no Brasil, é veiculada desde 2012 por um canal de TV por assinatura e desde 2014 por um canal de TV aberta. Atualmente está em fase de produção de sua quarta temporada.

De forma resumida, o roteiro traz que todos os personagens dos contos de fadas são atingidos por uma maldição da Rainha Má que os faz esquecer quem são, nas suas histórias originais, e os aprisiona como cidadãos comuns de uma cidade americana chamada Storybrooke. Paralelamente, narra um novo conto de fadas: a história da filha do Príncipe Encantando com a Branca de Neve, Emma Swan, e sua luta para ter um “final feliz” ao lado de seu filho Henry, que fora separado dela quando criança e adotado pela Rainha Má. Nenhum dos personagens dos contos de fadas pode sair ou entrar em Storybrooke, sob o risco de perderem para sempre a noção de quem são e “desaparecerem” dos contos de fada. Apenas Emma Swan e Henry, por serem personagens de mundos paralelos, podem entrar e sair sem problemas de Storybrooke.

De autoria dos mesmos criadores da aclamada *Lost* e do filme *Tron: o legado* – a série não é apenas mais um conto de fadas contado de uma maneira diferente ou com o uso de uma tecnologia mais moderna para dar efeitos especiais em cenas que antes só existiam na imaginação dos leitores.

Os autores inovam ao colocarem a proposta de que todos os personagens de contos de fadas estão agora reunidos num único conto de fadas. Portanto, não são vários “era uma vez...”, mas apenas um. E eles inovam não só neste aspecto, mas também no fato de que todos os personagens de contos de fadas moram numa cidade do estado americano do Maine e no nosso tempo atual, utilizando nomes de cidadãos comuns e ocupando papéis sociais medianos.

A série, em sua essência, trata sobre a temática da esperança. O roteiro parte de uma suposta continuação das vidas dos personagens dos contos de fada. Assim, após o casamento de Branca de Neve com o Príncipe Encantado, eles têm uma filha, que é enviada ainda bebê, por meio de um portal, ao nosso mundo, onde passa a conviver com pessoas reais em Nova York.

Em nosso mundo, ela vivencia todas as “humanidades” do ser humano, se torna uma ladra, é presa, descobre na cadeia que será mãe solteira de um menino e que por causa disso, depois do nascimento, terá de separar dele, e que o mesmo será adotado.

Mas, como toda história de contos de fadas, depois de tanta desventura, após sair da prisão, Emma se regenera e tenta levar uma vida normal, até que, no seu 28º aniversário, sua vida muda radicalmente com a visita de seu filho, que queria conhecer a mãe biológica.

Assim, entra em cena Henry, que por ter ouvido histórias dos contos de fada, que sua mãe adotiva, a prefeita de Storybrooke Regina – na verdade a Rainha Má – leu para ele quando criança, tem um despertar e descobre tudo sobre cada personagem que mora na cidade, sobre a maldição lançada por sua mãe adotiva e sobre a única com poder de quebrá-la: Emma Swan, sua mãe biológica.

É com essa proposta de aproximação do simbolismo dos contos de fada com a vida cotidiana atual das pessoas que os autores conseguiram fazer uma série de sucesso de público e de crítica.

Símbolos, mitos e contos de fada

Apesar de termos indícios de que alguns contos de fada remontam a 25.000 a.C., até os séculos XVII e XVIII, os contos de fada geralmente estavam relacionados à educação de crianças e à contação de histórias para pessoas de classes sociais mais baixas. Numa época, primeiramente, sem escrita, e depois, sem imprensa, por muito tempo os contos de fada eram uma forma de entretenimento aliado à informação.

Com o advento dos irmãos Grimm, os contos de fada são colecionados e ganham um status de literatura. Paralelo a isso, surge na Europa uma escola simbólica, apregoando que os contos de fada nada mais são que o ensinamento de verdades profundas sobre Deus e o mundo.

Isso faz com que histórias como as dos contos de fada sejam vistas como que construídas como arquétipos de experiências individuais de pessoas, mas que, depois, acabaram se tornando uma produção cultural. Talvez, não exatamente uma produção cultural que representa uma civilização, como os mitos, mas um produto cultural básico, de uma forma tão simples que, contado a pessoas de outras culturas, pode ser facilmente entendido.

No dizer de Franz¹, o conto de fadas utiliza uma linguagem simples e por isso, está além das diferenças culturais e raciais, seria uma linguagem universal. Nisso, eles se diferenciam dos mitos que utilizam uma linguagem mais restrita, não entendida de forma universal, e também, por não estarem ligados a algo religioso, sagrado. Franz² reforça que alguns mitos estão ligados a descrição de deuses, promovendo suas qualidades e façanhas e servem para explicar porque eles devem ser cultuados.

Assim, enquanto o mito está mais relacionado à uma civilização, a literatura de contos de fada está mais relacionada à uma população mais restrita. De qualquer forma, em ambos se encontra um elemento comum: o símbolo.

Um símbolo é um modo de ampliar o sentido da natureza do que é simbolizado. Higuét³ declara que o símbolo potencializa a interpretação para algo além do sentido. Dessa forma, a linguagem religiosa é simbólica, conforme afirma Tillich⁴ e se a linguagem religiosa é simbólica, então a linguagem do mito, a dos contos de fada, a linguagem da cultura, também são linguagens simbólicas. E como diz Tillich⁵, elas estão eivadas de teologia, pois as experiências religiosas estão ancoradas nas grandes manifestações da cultura.

Expresso esse ponto de contato entre os contos de fada como manifestação cultural de um povo e a possibilidade de haver um simbolismo neles, até mesmo religioso, cabe perscrutarmos a possibilidade de diálogo entre a linguagem narrativa dos contos de fada e uma outra linguagem narrativa, desta feita religiosa: a apocalíptica.

A MALDIÇÃO DA RAINHA MÁ!

Características da literatura apocalíptica

É impossível falar em literatura apocalíptica sem falar do livro bíblico do Apocalipse. Porém, apesar do livro de literatura apocalíptica mais conhecido ser o Apocalipse de João, este tipo de literatura não se inicia no cristianismo e, muito menos, é tão recente assim. Pelo menos 200 anos antes do Apocalipse de João ser escrito, já existia uma literatura com tais

¹ FRANZ, Marie-Loise von. A interpretação dos contos de fada. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

² FRANZ, 2008, p. 37.

³ HIGUET, Etienne Alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. São Paulo: Paulinas/ANPTECRE, 2012. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). Linguagens da religião – desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas/ANPTECRE, 2012.

⁴ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. 6ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

⁵ TILLICH, Paul. La dimension religieuse de la culture. Paris/Genève/Québec: Cerf/Labor et Fides/Laval, 1990.

características. Além disso, o Apocalipse de João não foi o único apocalipse escrito pelos cristãos, apesar de ser o mais conhecido.

Na época em que foram escritos, os apocalipses eram conhecidos como formas de profecia bíblica. Mais tarde, como o próprio nome grego sugere, os apocalipses foram classificados como escritos de revelação. Portanto, podemos dizer que a característica, mais em comum, que todos os escritos classificados como literatura apocalíptica possuem é a revelação.

Nogueira⁶ nos traz uma definição de um escrito de revelação. Segundo ele, escritos de revelação são aqueles onde um deus se utiliza de instâncias mediadoras para revelar aos homens algo que queria que soubessem. Nogueira⁷ insiste que os escritores desse tipo de literatura tinham consciência da alteridade da divindade e de que ter acesso às suas mensagens e à sua visão era um processo mediado, longo, misterioso e esotérico.

De forma, preponderantemente, narrativa, no decorrer da literatura apocalíptica temos algumas imagens que permeiam grande parte dos escritos, tais como:

- o mundo habitado pelos homens, na verdade, é um lugar de batalhas de seres angelicais que decidem e influenciam o destino desses homens;
- a perspectiva histórica se perde e há uma expectativa de salvação escatológica já no presente, tendo como solução a restauração da ordem inicial das coisas;
- crítica ao poder e àqueles que o exercem;
- a mulher possui um papel preponderante, mas dual, ao mesmo tempo em que é personificada como colaboradora do mal, ela, se for virgem (estereótipo da pureza), se salvará e salvará a outros; e
- perspectiva de mundo dual: forças antagônicas do bem e do mal lutam entre si.

Além dessas características e apesar de ser conhecido como uma literatura do “fim do mundo”, por possuir mensagens sobre o futuro geralmente associadas à catástrofes e eventos cataclísmicos, a literatura apocalíptica está associada a três conceitos fundamentais: crise, resiliência e esperança.

⁶ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O que é apocalipse. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

⁷ NOGUEIRA, 2008, p. 14.

Crise

Antes de mais nada a literatura apocalíptica é uma literatura de crise. Mesters⁸ traduz esta crise como sendo uma crise de fé e declara que o Apocalipse de João, por exemplo, foi escrito para animar o povo fiel a não desistir da luta, pois iria se encontrar novamente com seu deus e com sua missão.

De uma outra forma, Nogueira⁹ também trabalha com a ideia de crise. Ao trabalhar um outro texto apocalíptico muito conhecido, o livro bíblico de Daniel, ele coloca que a crise seria, em primeiro plano, uma crise de poder. A crise da relação religiosa entre judeus e selêucidas revela uma trama de determinismo e pessimismo. O futuro é visto na forma de uma batalha final e o pior sempre está por vir.

Da mesma maneira, grupos religiosos, hoje em dia, interpretam a crise (ou as crises cíclicas) como fruto da falta de observância de preceitos religiosos. Uma característica interessante decorrida disso, está no fato de que não há uma solução advinda de ações humanas para a crise. A única solução final está na manifestação do sobrenatural, do agir de Deus, que, claro, fará isso de maneira espetacular e assombrosa.

Assim, de forma geral, a literatura apocalíptica trabalha com o conceito de crise como crise de poder, isto é, um poder maior (o mal) se sentido desafiado por um poder menor (o bem) o persegue. E esta crise é vista como sendo algo necessário para o bem se manifestar no meio do caos e as características dos bons (os perseguidos) serem realçadas, principalmente a resiliência.

Resiliência

Toda perseguição a um ser humano geralmente rende duas consequências: a rendição, isto é, a capitulação ao sistema perseguidor por cooptação forçada ou uma resistência, muitas vezes até a morte, de forma a demonstrar fidelidade a princípios e ideais.

Na literatura apocalíptica a ideia de resistência à perseguição é exaltada. Aliás, essa característica do “preto-branco” permeia todos esses escritos. Para ajudar os leitores a

⁸ MESTERS, Carlos. Esperança de um povo que luta – o Apocalipse de João: uma chave de leitura. São Paulo: Paulus, 2012.

⁹ NOGUEIRA, 2008, p. 58.

enxergarem tudo às claras e se decidirem, sem arrependimentos, a favor ou contra o sistema de poder vigente (o mal), os escritores apocalípticos não conhecem meio-termo¹⁰.

No entanto, a resistência apregoada pelos escritores apocalípticos não é uma luta armada contra vilania da elite opressora e má, mas sim uma resistência pacífica que suporta todas as pressões, é uma espécie de resiliência.

Resiliência é uma palavra tomada da física dos materiais e quer dizer que um material é capaz de recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora¹¹. Num conceito mais voltado para uma situação social ou psicológica de crise, é a capacidade de lidar com ela e a pressão, e superá-las, aprendendo e sendo transformado por adversidades inevitáveis.

No caso da literatura apocalíptica, recheada de pessimismo, de cenas de destruição do mundo e dos seres humanos, de perseguições por homens e seres angelicais (os quatro cavaleiros do Apocalipse), de carnificinas causadas pela guerra, pela fome, pelas doenças e pelo como um todo, o contraponto é a exaltação de aspectos de esperança.

Enquanto a maioria dos leitores e das leituras que fazemos do Apocalipse, incluindo a mídia e a cultura pop, faz sobressair estes aspectos negativos e até mesmo estéticos do mal, a mensagem passada pelos escritores parece ser justamente a de que resistir com paciência, perseverança e fé, é a melhor saída para suportar toda injustiça.

Dessa forma, a literatura apocalíptica incentiva a descoberta de saídas de reação e superação dos traumas. A questão é colocada da seguinte maneira: para nós, os bons, a vida é cheia de adversidades e isso é inerente a ela, por isso devemos aguentar até a morte, se necessário for, que, no final, seremos recompensados de alguma forma.

A esperança seria, então, essa imunização psicológica ou, como queiram alguns, uma potencializadora da resiliência¹². Nesse sentido, a espiritualidade, ou seja, a crença, a fé em algo, ajudaria bastante na superação das adversidades. Isso acontece porque a esperança em algo, fornece a um certo sentido ao sofrimento.

É justamente nesta toada que a literatura apocalíptica vai: o sentido do sofrimento no agora, só será enxergado ou recompensado no futuro, ao lado de Deus, por isso vale a

¹⁰ MESTERS, 2012, p. 27.

¹¹ ROCCA L., Susan M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação de adversidades. In: Sofrimento, resiliência e fé – implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

¹² ROCCA L., 2007, p. 11.

pena resistir e não renunciar a Ele, mesmo que isto custe a vida. Em outras palavras, vale a pena sofrer, resistir com integridade porque no fim, o bem e o amor sempre vencem.

Esperança

Parece paradoxal, mas a literatura apocalíptica revela a esperança justamente explorando a dor e o sofrimento. Nogueira¹³ afirma que todo o Apocalipse de João é um ruminar amargo do sofrimento humano e cósmico. O escritor apocalíptico exalta a virtude do testemunho e da resistência até a morte – o martírio – para falar de esperança.

Na visão da abertura do 5º selo que ocorre no capítulo 6 no livro do Apocalipse, é vista essa ambiguidade na hora de falar de esperança. Aos mártires são dadas vestes brancas – símbolo da pureza e da dignidade – por causa de sua resiliência e mais, é lhes dito que devem esperar pela justiça divina. No entanto, há aqui um fato inusitado, devem esperar...por mais mortes ainda. O pior ainda está por vir.

Isto revela que, enquanto aguardam o ápice de sua fé, que nada mais é do que a ressurreição – a assunção de um novo corpo, irão visualizar mais sofrimento e mais resiliência. Parece algo catártico: quanto mais sofrimento, mais espera e quanto mais espera, mais glória no fim.

É como se a esperança fosse alcançada após muita espera e sofrimento. Não há vida fácil para eles, o que os espera é uma vida de desventuras sem fim, até que o bem vença e tudo acabe e seja refeito.

Essa maneira ambígua de descrever a esperança na literatura apocalíptica tem uma razão de ser. Essa simbologia era a maneira codificada de tratar situações de opressão nas comunidades cristãs que liam os livros com essas características. Nogueira¹⁴ nos dá uma chave de leitura disso, ao afirmar que comunidades inteiras revisitaram o Apocalipse para entender seu mundo ao redor de uma maneira em que a crise e a esperança na transformação radical de todas as coisas, as ajudasse na hora de serem resilientes.

¹³ NOGUEIRA, 2008, p. 95.

¹⁴ NOGUEIRA, 2008, p. 108.

STORYBROOKE

Teologia do Cotidiano

Quando dizemos que a simbologia da literatura apocalíptica ajudava as comunidades cristãs em situações adversas a continuarem sua caminhada na vida cristã, estamos falando de como uma linguagem teológica foi se formando mesmo sem ser teologia em si, pois como fruto do pensamento mítico, a apocalíptica é linguagem narrativa e não doutrina¹⁵. Porém, isso não quer dizer que a apocalíptica não contenha teologia. De certa forma, no cotidiano daquela gente, e até hoje, ainda se vivencia teologia no dia-a-dia, com simbolismos e mitos.

Aliás, não se tem como negar a vivência de teologia no cotidiano das pessoas porque o fenômeno religioso é um elemento integrante do universo humano e está profundamente enraizado nele¹⁶. Por isso, o fenômeno religioso se relaciona com a questão do viver, ontem e hoje.

Devido a isso, mesmo quando as pessoas pensam que não estão envolvidas com o religioso, elas estão. Isto porque a religião não está separada dos outros aspectos da vida das pessoas, ela está imiscuída em todos eles, inclusive naqueles que achamos que ela nem deveria estar.

Claro que isto não é uma atitude consciente, como se quiséssemos separar, de forma deliberada e racional, as áreas onde a religião poderia se fazer presente. Ao contrário, na maioria das vezes, as pessoas esquecem que estão envolvendo religião nas decisões que tomam no dia-a-dia.

Esse esquecimento do aspecto religioso no cotidiano é o cerne do que se denomina Teologia do Cotidiano. Aqui, tomamos as ideias de Rubem Alves e Iuri Andréas Reblin sobre o tema. A teologia seria uma função natural do ser humano como sonhar, ouvir música, beber um bom vinho, assistir a um filme, ler um livro.

Para Alves¹⁷, essa teologia nada mais é do que falar dessas coisas dando-lhes um nome de forma não racional. Já Reblin¹⁸, a define como a teologia que as pessoas produzem

¹⁵ NOGUEIRA, 2008, p. 21.

¹⁶ KLEIN, Remi & REBLIN, Iuri Andréas. Quando a religião se faz arte e educação: interfaces com o imaginário e possibilidades de trabalho com o cinema no ensino religioso. *Religare*, João Pessoa, v. 10, n. 02, set, 2013.

¹⁷ ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia*. São Paulo: Loyola, 2005.

em suas relações cotidianas e que não coincide obrigatoriamente com o que é proclamado por uma instituição religiosa.

Assim, a teologia do cotidiano, no dizer de Reblin¹⁹, ajuda a entender os símbolos que grupos sociais se apegam para que suas vidas tenham certo sentido.

Cultura pop e séries de TV

Uma das maneiras de perceber a teologia em seu cotidiano é por meio da cultura. As manifestações culturais imbricadas nas artes (cinema, pintura, literatura) e nos meios de comunicação (TV, quadrinhos, rádio) refletem a teologia que é encontrada no dia-a-dia²⁰.

E na nossa sociedade pós-moderna, a mídia requer um espetáculo atrás do outro e a feitura de produtos que devem ser consumidos avidamente. Na TV, com as séries norte-americanas, não é diferente. Temporada após temporada, as séries são produzidas para baterem metas de audiência e suas continuidades são renovadas de acordo com os índices de popularidade.

Num ambiente midiático cheio de superficialidades, não seria de estranhar que temas atraentes ao público fossem explorados à exaustão. Mais recentemente, os super-heróis, na TV e no cinema, têm galgado o posto de campeões de audiência e bilheteria. Um pouco antes, foram os deuses da mitologia grega. Já teve a fase dos psicopatas, da ficção científica, e assim por diante. Um produto midiático é lançado e seu consumo é posto à prova até que a audiência caia e ele seja substituído por outro de igual sucesso.

Nesse contexto, as séries de TV fazem parte dessa cultura que se denominou pop, termo inglês para popular. Com o incremento dos lares brasileiros que possuem TV por assinatura, a audiência dessas séries aumentou e as que mais se destacam, acabam por serem retransmitidas na TV aberta.

E é nesse momento que a teologia do cotidiano se encontra com a cultura pop explicitada na forma das séries de TV. Quando da exploração de temáticas como as dos super-heróis, por exemplo, a mídia explora o imaginário da cultura pop e suas estruturas míticas.

¹⁸ A teologia do cotidiano. In: BOBSIN, Oneide et al. (orgs.). Uma religião chamada Brasil – estudos sobre religião e contexto brasileiro. EST/Oikos/Capes, 2012.

¹⁹ REBLIN, 2012, p. 98.

²⁰ REBLIN, Iuri Andreas. Os super-heróis e a jornada humana: uma incursão pela cultura e pela religião. In: REBLIN, Iuri Andreas; VIANA, Nildo (orgs.). Super-heróis, cultura e sociedade – aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

Isso acontece porque histórias, como as dos super-heróis, carregam, no dizer de Reblin²¹, o nosso universo de significados e valores. Ou seja, carregam aquilo que a teologia do cotidiano estuda. No caso dos super-heróis, o fato de serem personificações da salvação messiânica é um exemplo de como teologia do cotidiano pode pesquisar as diversas manifestações culturais.

TODA MAGIA TEM SEU PREÇO!

Crise, resiliência e esperança em Once Upon a Time

Como referido anteriormente, a história de Once Upon a Time diz respeito a outra temática que mexe com o simbolismo e o imaginário popular: os contos de fada. Da mesma forma, que nos super-heróis, os contos de fada geralmente possuem a dualidade bem e mal e carregam o arquétipo coletivo dos salvadores, com uma diferença basilar: na maioria das vezes, o personagem do bem não possui superpoderes.

E é aqui que entra um outro componente simbólico do imaginário coletivo que remonta até nossas idades mais tenras: a magia. Na falta de superpoderes, os personagens do bem contam com a ajuda de outros seres da fantasia, que possuem e se utilizam da mágica, para ajudar o mal a perder e a todos a terem um final feliz.

Mas como diz o personagem Rumpelstiltskin, toda magia tem seu preço. E a magia é algo que permeia toda a história de Once Upon a Time. Seu uso instala a crise, ajuda na resiliência e é o motivo da esperança dos personagens de que eles terão um final feliz.

A crise dos personagens dos contos de fada ocorre em Once Upon a Time quando a Rainha Má utiliza um feitiço (magia) para aprisioná-los e perder a memória de quem eram em suas histórias. Para esses personagens, isso significa a perda de sua identidade e isso é o caos.

Da mesma forma, o medo que rondava as primeiras comunidades cristãs era sua perda de identidade num mundo helênico-romano. A literatura apocalíptica está recheada de advertências sobre “estar no mundo como um peregrino”, ou seja, não se deixar influenciar com características da cultura ao redor, para que a identidade do cristianismo

²¹ REBLIN, 2011, p. 64.

nascente fosse preservada. E foi dessa maneira que o cristianismo conseguiu, em meio as perseguições externas e heresias internas, sobreviver durante muitos anos.

Nesse arquétipo dual do mundo apocalíptico, as forças do mal são bestificadas, e colocadas com poderes sobrenaturais, justamente para dar a ideia de que não é tão simples preservar sua identidade e que a facilidade de se deixar influenciar pela cultura ao redor é muito grande. Muito além da literatura apocalíptica, as comunidades autorais de Paulo e Pedro também inserem várias advertências desse tipo nos discursos de Jesus, nos evangelhos, e nos discursos dos apóstolos, nas cartas. A advertência fundamental é que Roma utilizará de todas as maneiras, inclusive as espirituais, para fazer os cristãos perderem sua identidade como comunidade de fé. Por isso, a crise.

No entanto, se a magia desencadeia a crise, ela também ajuda na resistência às perseguições. Em *Once Upon a Time*, Emma Swan, é conhecida como “A Salvadora” por possuir a magia mais poderosa que existe. Isso não é sem motivo. Para os autores, Emma é a personagem mais poderosa porque é fruto da magia mais potente que existe: o amor. Emma é o arquétipo da resiliência, ela é uma sobrevivente desde o nascimento. Ela é abandonada na creche pelo seu guardião, depois é novamente abandonada no momento de sua prisão. Na cadeia, se descobre grávida e toma uma decisão difícil: entregar o filho para a adoção, passando longos dez anos sem vê-lo. Mas mesmo depois de todas essas desventuras seguidas, a série inicia com uma Emma regenerada, que ganhou sua liberdade, e está disposta a reconstruir sua vida. Só mesmo a magia que carrega dentro de si para fazer tal mudança de vida.

Na literatura apocalíptica, os resilientes são incentivados toda a hora de que, apesar da dor, das perseguições, dos sofrimentos, do abandono de suas famílias, das mortes, e de outras crises, Deus está ao lado deles na pessoa do Consolador, o Espírito Santo. Revelado como promessa por Jesus, de que ele viria depois de sua morte e ressurreição, o Espírito Santo é quem consola e dá forças aos que resistem até o final.

Na dualidade, ele ajuda na superação das adversidades, revelando que para cada perda há um ganho, há final feliz. Não só no Apocalipse de João, mas em outras passagens do Novo Testamento, os discípulos são instados a seguirem o exemplo de Jesus no Getsêmani, que resistiu à crise com sangue e a superou por causa do consolo do Pai. Aos cristãos, é dito que o Espírito Santo desempenhará o mesmo papel de consolo em suas

adversidades. Paralelo ao consolo, o Espírito Santo lembra ao resiliente que um futuro de paz o aguarda, que há um final feliz no fim de sua história.

Em *Once Upon a Time* é a magia quem garante o final feliz de cada personagem e de todos os contos de fada. Mesmo com as crises e com os momentos de desânimo que se seguem a elas, os personagens sabem que uma magia boa e poderosa os levará ao final feliz, basta que eles continuem a ser quem são. É como se a história voltasse a seu curso normal quando a crise passar. As esperanças de todos, claro, estão depositadas em Emma Swan, a salvadora, a líder que os guiará de volta para seus mundos e reinos, de volta às suas histórias para que continuem dando alegria às crianças e adultos, ensinando-os que fazer o bem compensa ao final. Até o mais malévolo dos personagens, o Ser das Trevas, Rumplestiltskin, sabe que, no final, a magia poderosíssima do amor vencerá.

Isso não é diferente na literatura apocalíptica. Ela é marcada pela esperança e por uma promessa de vida eterna no paraíso de Deus. Bênçãos no porvir – porque para os cristãos primitivos, esta terra não possui nada de bom, cidades para governar, pedras preciosas incrustadas em coroas que lhes serão dadas, acesso direto ao trono de Deus e à sua glória, respostas imediatas de orações, vingança pelo mal sofrido, são algumas das promessas desses escritores. Deus recompensará cada cristão no nível de sua doação à causa do Evangelho de Cristo.

De qualquer sorte, esse tripé, crise – resiliência – esperança, é um aspecto muito presente e interessante da literatura apocalíptica e que, me parece, *Once Upon a Time* resgata das histórias dos contos de fada. É uma nova maneira de dizer que vale a pena fazer o bem, mesmo que isso traga perdas, ainda que estas sejam momentâneas e incomparáveis aos ganhos no porvir.

Os autores da série parecem pretender que este movimento ético, marca desses escritos apocalípticos, seja resgatado para uma sociedade pós-moderna, em que sofrer não é uma palavra bem vinda e que, aparentemente, se desencantou com a sua capacidade de construir um mundo melhor para todos, no hoje e no amanhã.

Considerações Finais

A intenção de demonstrar esta intersecção entre a narrativa apocalíptica e a dos contos de fada, expressa no resgate promovido pela série televisiva *Once Upon a Time*, é justamente vislumbrar que existe um pouco desses mundos em cada um de nós. Desde

criança, quer seja escutando a contação de histórias dos contos de fadas por nossos pais, quer seja escutando histórias bíblicas de um futuro sombrio, mas com um final feliz, o que fica inculturado em nossas mentes é de que devemos ser pessoas de bem quando crescermos. Devemos ser éticos, custe o que custar.

O mito, a magia, o simbolismo dos contos de fadas e da religião misturam-se nessas histórias e nos influenciam, de uma forma ou de outra, naquilo que nos tornaremos a ser e no nosso papel social. Parafraseando Reblin²², a leitura, ou no caso, a apreciação visual e auditiva, das histórias dos contos de fada não é mero entretenimento, ao menos não precisa ser. O ideal é que estas histórias nos despertem para um engajamento em busca de uma forma de viver que, parece, anda esquecida.

Nessa nossa sociedade hodierna, fazer o correto, agir honestamente com outros parece não valer a pena. A sensação de impunidade reforça a tese de que fazer o errado compensa. Aliado a isso, a ideia de que não há um Deus que, no fim de tudo, acertará as contas, pois não há mais, tão presente, a ideia religiosa de céu e de inferno, ajuda na disseminação do prazer pessoal como referência para os atos, não importando se esse prazer acarretará algum prejuízo a outros.

Por isso tudo, vale a pena voltar a sonhar, vale a pena voltar ler, ver e escutar os contos de fada, para que nossa esperança de ajudar a construir um mundo melhor, não se perca nas crises do dia-a-dia e não nos cansemos nunca de fazer o bem.

Referências

ABC. About Once Upon a Time. Disponível em: <http://abc.go.com/shows/once-upon-a-time/about-the-show>. Acesso em 19 jun, 2014.

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia*. São Paulo: Loyola, 2005.

BARRETO, Elvira Henriqueta Lot. A mitologia clássica nos jogos eletrônicos. *Diálogo – revista de ensino religioso*, São Paulo: Paulinas, ano XIX, nº 73, p. 12-17, fev/abr, 2014.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1999.

FRANZ, Marie-Loise von. *A interpretação dos contos de fada*. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

²² REBLIN, 2011, p. 89.

HIGUET, Etienne Alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Linguagens da religião – desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas/ANPTECRE, 2012. p. 69-106.

KLEIN, Remi & REBLIN, Iuri Andréas. Quando a religião se faz arte e educação: interfaces com o imaginário e possibilidades de trabalho com o cinema no ensino religioso. *Religare*, João Pessoa, v. 10, n. 02, p. 121-131, set, 2013.

MESTERS, Carlos. *Esperança de um povo que luta – o Apocalipse de João: uma chave de leitura*. São Paulo: Paulus, 2012.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *O que é apocalipse*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.

REBLIN, Iuri Andreas. Os super-heróis e a jornada humana: uma incursão pela cultura e pela religião. In: REBLIN, Iuri Andreas; VIANA, Nildo (orgs.). *Super-heróis, cultura e sociedade – aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011. p. 55-91.

_____. A teologia do cotidiano. In: BOBSIN, Oneide et al. (orgs.). *Uma religião chamada Brasil – estudos sobre religião e contexto brasileiro*. EST/Oikos/Capes, 2012. p. 84-98.

ROCCA L., Susan M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação de adversidades. In: *Sofrimento, resiliência e fé – implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 9-27.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 6ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

_____. *La dimension religieuse de la culture*. Paris/Genève/Québec: Cerf/Labor et Fides/Laval, 1990.